

A HISTÓRIA EM DISTINTOS MODOS DE FAZER: REINVENÇÕES DE DANIEL ROCHE

Patrícia Merlo¹

Resumo: dedicando-se a temas setecentistas, Daniel Roche é um dos historiadores franceses de maior destaque na atualidade. Tendo a cultura material se constituído no aspecto mais evidente de suas análises, com o passar dos anos ele alterou as formas de abordagem quantitativa das estruturas socioculturais da França do Antigo Regime, passando a predominar em sua produção uma perspectiva mais subjetiva e micro-histórica. Neste trabalho, são apresentados os contornos mais abrangentes das principais obras de Roche, além de suas contribuições de maior relevo à historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Cultura Material; história do consumo; historiografia francesa.

Abstract: Daniel Roche is one of the greatest French historians today. Specialist in the 18 th century, his work falls within the field of historical studies of culture and society, focusing on the material culture. The production of the author spent over the years of a more quantitative approach of the sociocultural structures of the french Ancient Regime, for a manner more subjective and microhistorical. In this paper, we present the general outlines of his major works and contributions to the current historiography.

Key words: Material Culture; History of the Consumption; French historiography.

Nascido em 1935, em Paris, Daniel Roche é professor do influente Collège de France, titular da cadeira de História da França Iluminista. É também diretor de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e um dos mais distintos historiadores franceses da atualidade, ainda pouco conhecido no Brasil. Especialista em século XVIII, pertence à terceira geração dos *Annales*, grupo que, segundo Emmanuel Le Roy Ladurie, migrou seus interesses *do porão para o sótão*, ou seja, da história econômica para a história cultural. (VAINFAS, 2001)

Aluno do historiador marxista Ernest Labrousse, notório por sua pesquisa pioneira sobre as origens econômicas da Revolução Francesa, Daniel Roche elegeu para sua tese de doutorado um tema de história cultural que o afastava de seu mentor: o papel das academias provinciais francesas na difusão e na produção do discurso iluminista. (ROCHE, 1978) Apesar de sua abordagem quantitativa bastante rica, a tendência a um enfoque mais cultural presente no trabalho resultou em uma história social da cultura para além das forças econômicas e sociais. Ao longo dos

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

anos, Roche vem buscando, por meio de pesquisas que contemplam da história do livro e da leitura à história da cidade e da cultura material em suas múltiplas faces, uma maneira mais ampla de propor uma leitura social da cultura.

Com carreira profícua, sua obra é de primeira ordem, resultando em produção bibliográfica importantíssima no campo dos estudos históricos da cultura e da sociedade. Seu texto segue os ditames da escola francesa contemporânea, obedecendo a uma metodologia de pesquisa marcada pelo rigor na busca de fontes e na interpretação dos fatos. A Escola dos *Annales*, sem dúvida, deixou importante legado científico para a historiografia e uma maneira muito abrangente de pesquisar não só a *grande história*, mas especialmente as *pequenas histórias*, por meio dos vieses outrora desconsiderados como fonte de informação, como é o caso, por exemplo, dos estudos do imaginário, de gênero, do cotidiano. Herdeiro dessa tradição, em suas obras Daniel Roche procura apresentar reflexões historiográficas conectadas ao mundo real das sociedades, nas entrelinhas dos aspectos político-econômicos, como também nos elementos da cultura, das mentalidades e dos comportamentos.

Cotidiano e cultura material na obra de Roche

Ao longo dos anos, a produção de Daniel Roche passou de uma abordagem inicialmente mais quantitativa das estruturas socioculturais da França do Antigo Regime – presente, especialmente, em sua tese sobre as academias provinciais no século XVIII – para uma abordagem mais subjetiva e micro-histórica. Segundo o próprio autor, a razão para essa mutação intelectual repousa na necessidade de certa mudança de óptica que permitisse passar de uma história das estruturas e das estratificações sociais a uma história social das percepções, das práticas e das apropriações. (ROCHE, 1984, v. 2)

Imbuído de tal orientação, Roche tem se dedicado ao estudo de temas relacionados à vida cotidiana parisiense no século XVIII, pautado em pesquisas que destacam desde os modos de habitação, passam pelo vestuário e a alimentação e chegam até à leitura, o simbólico, entre outros assuntos. De acordo com a sua percepção, a pesquisa histórica busca não apenas a descrição dos objetos e das técnicas em um processo temporal de mudanças e de permanências, mas a

interpretação de realidades sociais distintas no tempo, que fizeram uso de tais recursos. Nas palavras de Roche:

Os objetos, as relações físicas ou humanas que eles criam não podem se reduzir a uma simples materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. Eles não pertencem apenas ao porão ou ao sótão, ou então simultaneamente aos dois, e devemos recolocá-los em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais. (ROCHE, 2000, p. 13)

A compreensão dos fatos sociais a partir de sua materialidade é, enfim, o objeto central das reflexões do autor. Recorrente em sua produção historiográfica, Roche recupera o argumento do filósofo alemão Karl Gottlob Schelle, destacando que, ao se pretender “reconciliar a filosofia com o cotidiano”, é preciso especular sobre “os objetos da vida” e procurar a compreensão das relações com as coisas e as mediações com os objetos e com o mundo. (ROCHE, 2000, p. 11) Para o autor, a noção de cultura material, apesar de pouco definida, “permite aos historiadores de qualquer período e de qualquer área cultural relacionar um conjunto de fatos marginais em relação ao essencial, o político, o religioso, o social, o econômico”, possibilitando perceber as “adaptações” que os homens fazem ao viver, “através das quais o natural se revela fundamentalmente cultural”. (ROCHE, 2000, p. 12-13)

De fato, os elementos materiais de qualquer cultura denotam a construção corriqueira da vida e, portanto, são objetos da história do cotidiano. Não apenas os hábitos de consumo e os produtos e serviços consumidos, mas os significados atribuídos às ações humanas e aos instrumentais inventados em sua relação com o mundo natural. Materialidade e imaterialidade são, enfim, inseparáveis na análise desses repertórios, mesmo que distinguíveis entre si.

Daniel Roche se filia, por conseguinte, ao pressuposto de que os historiadores podem tomar os elementos concretos da cultura, em si mesmos, como expressão social, na dinâmica dos interesses econômicos e das convicções ideológicas, bem como representações sociais de valores e de símbolos de relevância humana. Cada um deles pode ser compreendido no bojo das relações sociais que os produzem. Concebidos assim como artefatos da história, os elementos materiais da cultura tornam-se objeto de estudo e análise histórica, ou

seja, permitem ao historiador compreendê-los e explicá-los, integrados e conformados nas relações socioculturais de dada realidade histórica.

É importante lembrar que a recorrência da temática da cultura material no campo da história e das outras ciências sociais permitiu novos e enriquecedores enfoques, mediante os quais as *coisas físicas*, sejam elas artefatos, mercadorias ou objetos, tornaram-se fontes privilegiadas que permitem observar a maneira como os domínios do mundo material são empregados socialmente, fabricando, assim, o mundo cultural. Tais pesquisas têm atentado para o fato de que consumos indicam, também, gostos, distinções sociais, estratégias de sociabilidade e de poder, como ilustrado pelas pesquisas pioneiras de Fernand Braudel, passando por Marshall Sahlins, Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Giovanni Levi, Peter Burke, Roy Porter, Daniel Miller, para citar alguns autores associados a tal proposta de trabalho.

Produção teórica: principais contribuições

No que concerne ao foco de pesquisa indicado, Roche tem publicações que tratam de temas que vão da cultura equestre, na Europa, ao cotidiano popular do século XVIII, passando pela história da higiene, da intimidade burguesa e da indumentária. Paris aparece como grande pano de fundo em boa parte de suas obras. Este é caso em *O Povo de Paris (Le Peuple de Paris, 1981)*, onde o historiador se propôs a reler a história dos comportamentos populares.²

Desde a sua publicação, o livro foi considerado notável em vários aspectos, sobretudo por ter mostrado que a Revolução não era filha da miséria, como queriam uns, ou da prosperidade, como apontavam outros. (PALLARES-BURKE, 2000) Defendendo explicação singular, Roche argumentou que o aumento das dificuldades enfrentadas pelo povo foi inseparável do surgimento de exigências e valores decorrentes de novas ambições de vida. Conforme Roche, essa obra testemunha um modo particular de se fazer história, situando-se na interseção de pesquisas da história social oriundas das certezas da escola dos *Annales*, das heranças de Braudel e Labrousse e dos novos questionamentos teóricos. Ou, como expresso por Roche, o livro consiste na busca de “paternidades teóricas, mas cuja parte essencial reconduz aos deslocamentos das indagações para o interesse pelas racionalidades

² A obra somente foi traduzida para o português em 2004, pela Edusp.

em ação nos grupos sociais, comunidades, famílias, estruturas parentais e mobilizadas pelos indivíduos”. (ROCHE, 2004, p. 11)

De fato, *O Povo de Paris* procura interrogar as estruturas, confrontadas com uma diversidade de destinos reunidos na Paris das Luzes, numa tentativa de compreender maneiras de viver e habilidades cotidianas. A hipótese central defendida é a de que a cultura popular é um fenômeno inteiro, que não se pode reduzir nem à alienação nem à passividade, por possuir lógica própria. Para tanto, Roche buscou reunir o máximo de nuances que permitissem tal compreensão, cobrindo desde a história cultural e social dos meios populares e das categorias desfavorecidas, visitando a história da cultura material, das sensibilidades e das percepções para chegar, por fim, à história das intelectualidades.

Foi durante essa pesquisa sobre a cultura popular parisiense que Roche alcançou aquela que consideraria a sua realização mais importante: a descoberta da autobiografia de Jacques-Louis Ménétra, vidraceiro parisiense que viveu durante o Antigo Regime e a Revolução. De posse desse achado – publicado em 1982, com um ensaio interpretativo sobre o homem e seu meio (ROCHE, 1982) –, Roche suplementou sua análise quantitativa da cultura popular com uma visão do interior da mesma, mostrando como determinado artesão da época percebia seu trabalho, seu lazer e também a Revolução Francesa, já que Ménétra dela participou como militante.

Segundo o próprio Roche, a comparação do relato de vida de Ménétra com os inúmeros testemunhos deixados nos arquivos policiais permitiu identificar, nos meios populares, a consciência do preço da existência submetida às múltiplas eventualidades do mercado de trabalho parisiense e à capacidade de reagir mediante uma atitude econômica e social específica. Nesse cenário, registra-se uma *nova sensibilidade* em todos os níveis e instaura-se um *novo consumo* baseado na *renovação* e na *mudança*. Portanto, *O Povo de Paris* é o universo onde está inserida a trajetória de Ménétra e de tantos outros anônimos. Esse universo não corresponde, para Roche, aos esquemas habituais: “é móvel, cambiante [...] os valores da estabilidade e da mudança acham-se em perpétua confrontação [...] as relações apresentam-se mutáveis numa cidade onde a confusão de classes só faz aumentar”. (ROCHE, 1981, p. 28)

Seguindo o viés do consumo e seus sentidos, Roche se aprofunda ainda mais no universo simbólico das roupas em *A Cultura das Aparências (La Culture des Apparences – Une histoire du vêtement, XVII-XVIII siècles, 1989)*.³ O que torna esse livro especialmente original é o modo como o autor utiliza as roupas como evidência das atitudes e valores de seus usuários. Analisando, por diversos olhares e vieses, as roupas e a moda de Luís XIV a Luís XVI, Roche percorre as “Luzes” servindo-se de intensa pesquisa em fontes primárias, tão fundamentais ao historiador. Partindo da premissa de que as roupas revelam *arquivos culturais privilegiados*, o historiador francês ilustra com detalhes os principais elos existentes entre a história da cultura material e as transformações dos comportamentos sociais, onde está inserido o complexo sistema de produção e consumo de roupas. Tal sistema revela, ao mesmo tempo, “[...] um repertório de modos de agir, uma pedagogia das maneiras, um catálogo de práticas simbólicas [...]” (ROCHE, 2007, p. 32)

Nesse contexto, *A Cultura das Aparências* revela o quanto a indumentária funciona como parte essencial da vida humana, representando uma forma de perceber os meandros da sociabilidade francesa entre os séculos XVII e XVIII. Para tanto, mais do que simplesmente descrever a produção e o consumo de vestimentas daquele tempo, Roche analisa os significados sociais dos orçamentos e fortunas familiares, as modificações nas formas de buscar distinção social, o papel da mulher dentro e fora do ambiente doméstico e a própria transformação histórica dos pudores.

O tema do consumo é novamente marcado pela influência de Fernand Braudel. Além disso, ganha corpo a crítica a Jules Quicherat⁴ – apesar de apresentar a consciência de uma perspectiva original, por se inscrever num campo de pesquisa em que vestuário e costumes estão ligados –, por não se preocupar com a “função da roupa” e com as “mudanças de sensibilidades” presentes no processo, preocupações estas centrais para um historiador da cultura material como Roche.

³ Livro traduzido para o português pela Editora Senac em 2007.

⁴ Os trabalhos propriamente científicos dedicados ao vestuário começaram a ser publicados em 1860. São estudos eruditos, preocupados em tratar o vestuário como uma adição de peças, uma espécie de evento histórico, do qual convém, antes de tudo, datar o aparecimento e a circunstância de sua origem. Um nome de referência cujo trabalho encontra-se inserido nessa tradição histórica é Jules Quicherat. (CIDREIRA, 2005, p. 37)

Com tal perspectiva, *A Cultura das Aparências* propõe abordar a história da vestimenta em sua relação com as estruturas, os desejos e a ação dos indivíduos, estabelecendo assim conexões entre roupas, economia, cultura e política. O pano de fundo é a complexa paisagem formada por aparências e gostos de milhares de homens e mulheres, alguns de origens comuns, outros com posição de destaque naquela sociedade pré-revolucionária. Nesse universo, Roche busca demonstrar que a frivolidade flutuante das modas deve ser entendida no seio do enraizamento profundo dos sentimentos de pertencimento social, de liberdade e de constrangimento, nem sempre familiares à sensibilidade atual.

O próprio autor anuncia, logo nas primeiras páginas da obra, que sua intenção é perceber, por intermédio da indumentária, as imbricações entre o real e o imaginário, as oposições entre o ser e o parecer, assim como as distâncias entre as preferências por roupas existentes no presente e aquelas usuais em épocas passadas. De fato, para Roche, “a história da roupa nos diz muito acerca das civilizações; ela revela seus códigos.” (ROCHE, 2007, p. 21) Desse modo, uma história que pode parecer, à primeira vista, preocupada unicamente com a superfície, se revela um instrumento para investigar estruturas profundas:

A lógica da roupa oferece uma maneira de compreender e um meio de estudar as transformações sociais que ocorreram nos aglomerados urbanos. Dessa perspectiva, a história da cultura material e a história dos comportamentos sociais estão diretamente associadas, como já o assinalara Fernand Braudel. Essa história é menos anedótica do que parece. Ela coloca todos os problemas, o que envolve matérias-primas, processos e estruturas de transformação, custos e benefícios, inércias culturais, variações no tempo e no espaço. (ROCHE, 2007, p. 20)

A obra destaca-se pela quantidade e diversidade de fontes que utiliza. Roche analisa desde textos médicos até ensaios estatísticos da população francesa, passando por memórias, enciclopédias, inventários, romances de época e teses. Além disso, aparecem também os tecidos, as iconografias e as peças propriamente ditas. É em meio a esse emaranhado de informações que o autor consegue delinear a irrupção de novas maneiras de perceber o mundo e o corpo humano a partir da indumentária, no seu direito e avesso, entre o universo individual e o mundo coletivo. A produção bibliográfica de Roche afirma o lugar da moda como tema que permite espaço privilegiado de leitura da realidade social.

Abordagem semelhante encontra-se também em *História das Coisas Banais* (*Histoire des Choses Banales*, 1997).⁵ A obra aborda o nascimento das formas modernas de consumo a partir do século XVII, desdobrando-se intensamente sobre o universo da cultura material – a casa, as estruturas de iluminação, aquecimento e abastecimento de água, os móveis e objetos, as vestes e os alimentos –, com o intento de estabelecer as novas articulações da vida cotidiana e as mudanças nos padrões de sociabilidade perante as mutações nos sistemas de produção, circulação e consumo.

Assim, *História das Coisas Banais* procura apresentar uma história do Ocidente moderno recorrendo aos objetos e aos seus usos, inscrevendo-os em um encadeamento de relações humanas que carece ser apreendido para que a História da Cultura Material não se transforme em um simples inventário descritivo de bens distintos e de suas formas de consumo. Conforme esclarece o próprio Roche, seu objetivo consiste em “considerar de outra maneira as práticas habituais e o lugar dos objetos no viver cotidiano, (já que) a história do consumo permite compreender melhor a continuidade do material e do simbólico [...]” (ROCHE, 2000, p. 19)

Para tanto, o autor procurou examinar a vida material a partir do consumo na sociedade europeia, especialmente a francesa, do século XVII ao XIX, avaliando que os objetos não estabelecem com os humanos tão-somente uma relação de materialidade ou de mera distinção social. Antes, eles representam contextos sociais que enunciam informações características a uma temporalidade, ao permitir uma releitura da história econômica e social. Apesar do esforço de Roche, as características do consumo da sociedade tradicional – como aquele de natureza familiar, a existência das leis suntuárias e a relação entre *status*, renda e consumo – aparecem diluídas ao longo do texto, acessíveis, quase sempre, somente aos já familiarizados com a temática.

Para quem se interessa pela historiografia do conforto e da civilização, *História das Coisas Banais* pode ser qualificado como um livro complementar às obras *O Processo Civilizador* e *A Sociedade de Corte*, de Norbert Elias, bem como à *Civilização Material*, de Fernand Braudel, embora com qualidade teórica e investigativa inferior. É importante salientar, porém, que as pesquisas de Roche

⁵ Versão em português, da Editora Rocco, chegou ao mercado em 2000.

estão em consonância com importantes canteiros da historiografia francesa. Em suas palavras:

[...] gostaríamos de conservar a contribuição da história econômica e social de Braudel e Labrousse nela integrando o projeto de uma história cultural sensível à maneira como as ideias e as práticas se articulam com o mundo social, sensível também às encruzilhadas que atravessam uma sociedade, à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados. (ROCHE, 2000, p. 17)

Sem dúvida, um dos pontos que distinguem a historiografia contemporânea dos estudos tradicionais é o fato de que a cultura material deixa de ser compreendida como um “rol de artefatos” e passa a ser analisada em simbiose com a sociedade que a criou, com a economia que a produziu, com o mercado que a distribuiu e com a cultura que permitiu sua existência estética, morfológica e funcional. Enfim, os artefatos são discutidos, no tempo e no espaço, como invenções e criações de grupos sociais nos quais homens e mulheres de diferentes segmentos estão inseridos.

Assim como *A Cultura das Aparências*, o livro *História das Coisas Banais* ocupa-se de questões ainda pouco estudadas de um ponto de vista histórico. Nessa última obra, contudo, a exploração de tal fronteira não se traduz em grande renovação no arsenal analítico clássico do historiador. Ao longo do livro de Roche são os documentos escritos a fonte primordial para dar conta da relação entre sociedade e materialidade. Logo, a operação historiográfica não se alterou substancialmente com a renovação temática. Surge daí reflexão essencial: o reconhecimento da cultura material como parte essencial do fenômeno histórico ainda não provocou sua inserção decisiva como documento no processo de produção do discurso historiográfico.

Embora a existência concreta do artefato seja importante, o estudo da cultura material pode ser realizado também por meio das fontes escritas que os identificam, qualificam, denominam, enumeram ou descrevem. O próprio Roche dá conta dos limites da obra, mas reafirma que o quadro por ele estabelecido rompe sistematicamente com os métodos e as descrições tradicionais, assim como com os modos de classificação e as categorias normalmente adotados. Isso porque sua abordagem se propõe a ler, no centro do processo de consumo, a ação simultânea da inteligência e do sensível, do material e do simbólico. (ROCHE, 2000, p. 329-330)

À guisa de conclusão

Numa perspectiva geral, Daniel Roche pode ser definido como um habilidoso artesão, adepto do que Marc Bloch chamou de *o ofício do historiador*. À frente de uma oficina de historiadores onde seus alunos, como aprendizes, prestam contribuição, ele se coloca como um arquiteto que concebe, organiza e publica os resultados. Aliás, Roche se revela defensor convicto do trabalho em equipe e, antes de qualquer coisa, professor preocupado em construir redes de colaboração com seus alunos durante as pesquisas. (PALLARES-BURKE, 2000) Com sutileza e erudição, ele desenvolve trabalho lúcido e em constante diálogo com pensadores culturais e sociais, unindo cuidadosamente teoria e pesquisa empírica. Habilmente, o vemos conciliar seu interesse pela cultura da elite com a de origem popular, além de oferecer dados quantitativos produzidos a partir de fontes seriais e evidências oriundas da literatura, da moda e até de diários pessoais.

Encontramos em sua obra um aprimoramento da perspectiva micro-analítica, um cuidado com as invariantes da sociedade, mas sem desfazer de sua dinâmica, bem como uma atenção especial com a descrição de detalhes ritualísticos e simbólicos sem, contudo, abraçar modelos antropológicos de interpretação. Quando muito, percebe-se a adoção de alguns conceitos antropológicos, completamente relidos, todavia, pela perspectiva diacrônica da pesquisa histórica. De fato, apesar de sua aproximação com a micro-história, verifica-se em Roche consciência bastante nítida dos perigos de levar tal modelo às últimas consequências, isto é, de maneira descontextualizada.

Roche define-se como um historiador eclético, avesso a um modelo único de explicação e sempre em busca do confronto entre hipóteses, documentação e realidade. Para ele, “não é um fato lamentável não se ter uma explicação global”. (PALLARES-BURKE, 2000, p. 175) Além disso, apesar de escrever história cultural, considera-se um historiador social, preocupado em manter constante diálogo entre práticas e representações.

Reconhecido como um dos representantes dos rumos seguidos pela historiografia dos últimos trinta anos – seja pelos temas de investigação ou pelas inovações teórico-metodológicas que irrigaram a pesquisa historiográfica contemporânea –, o conjunto da obra de Daniel Roche proporciona rica

oportunidade de se imergir nas tramas culturais que caracterizaram a modernidade, especialmente o período das Luzes, passando-se ao largo da armadilha de mera miscelânea de dados desprovida de sentido histórico.

BIBLIOGRAFIA

CIDREIRA, Renata P. *Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. 2.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências*. Uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 2007. 2007.

_____. *História das coisas banais*. Nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Journal de Ma Vie*. Jacques-Louis Ménétra. Compagnon Vitrier au 18ème. Siècle. Paris: Montalba, 1982.

_____. *Le Siècle des Lumières en province: académies et académiciens provinciaux, 1680-1789*. Paris: Mouton, 1978.

_____. *Les français et l'Ancien Regime*. Paris: Armand Colin, 1984. Volume 2.

_____. *O Povo de Paris*. Ensaio sobre a cultura popular no século XVIII. São Paulo: Edusp, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. A melancolia dos historiadores (Resenha). *Topoi*. Rio de Janeiro, n. 2, mar. 2001, p. 217-224.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.